

Os fundamentos da ciencia medica e a imagem nova do homem*)

por

Dr. Decio Soares de Souza

Docente e Chefe de Clinica Psiquiatrica.

Alienista Chefe de Secção no H. S. P.

A medicina se propõe o estudo do homem em suas variações moribidas. Esse estudo tem as suas origens na participação afetiva ao sofrimento de outrem. Não fosse essa participação afetiva, que desperta o interesse e orienta a curiosidade para os dominios da investigação e do conhecimento, volveriam a face, os humanos, daqueles seres contaminados, diminuidos socialmente, empobrecidos em suas virtualidades anímicas e vitais. Na investigação fenomenologica dos conceitos que representam o objeto e a finalidade da medicina, cumpre separar o que provem da realidade anterior á sistematização da ciencia medica e o que decorre dos principios filosoficos que orientam essa sistematização. Tal importa, porque a finalidade da ciencia é representar a realidade através de sua conceptualização.

Precisando metodos e principios da ciencia medica, escreve Claude Bernard em sua obra classica: "Introdução ao estudo da medicina experimental": *Conservar a saude e curar as doenças*, eis o problema que a medicina propoz desde a sua origem e cuja solução cientifica procura ainda". No mesmo sentido escreve Diepgen em sua Historia da Medicina: "A medicina é tão antiga como a Humanidade. Esse fato tem origem em sua finalidade: a prevenção e a cura das doenças". Nestas citações, que poderiam ser mais extensas mas que são particularmente ilustrativas, resalta que a finalidade da medicina é a cura das doenças. Tal finalidade, entretanto, não é a que encontramos á origem da ação curativa que denominamos Medicina. Em suas origens, o objeto da medicina se recorta, através da participação afetiva, sobre a representação "homen doente". O homem não despertou ainda para a inquirição do conceito de doença e a sua ação já se faz eficiente no auxilio ao homem doente. Amparar o doente, restabelecer-lhe a energia vital diminuida, aliviar-lhe as dores eis a finalidade da ação medica em suas origens: auxilio ao doente e não a cura da doença. Para tanto se impunha que o objeto da medicina tivesse, desde o inicio, limites tão precisos como os que nos apresenta um individuo e relações afetivas tão profundas como as que se nos deparam na re-

* Conferencia realizada na Soc. dos Livre-Docentes da F. M. P. A. em Setembro de 1936.

apresentação “homem doente”. A medicina primitiva trabalha sobre esse objeto e só mais tarde se realiza a conceptualização que dá origem ao conceito de doença. Na medicina, do Renascimento aos nossos dias, esse conceito se faz sempre mais extensivo, no sentido logico do vocabulo, e finda por apagar a representação individual do doente. Na medida em que evolve sob essa orientação, o ideal do conhecimento medico consiste em fundamentar o conceito de doença sobre a investigação analitica de sintomas e sua agrupação adicional. Com isso se afasta da finalidade da medicina a representação essencialmente unitaria e qualitativa do individuo doente para substitui-la pela representação universal do conceito de doença, modelado á feição dos conceitos que utilisam as ciencias fisico-matematicas.

Essa deformação da finalidade da medicina é exemplar em uma orientação filosofica, cujas origens datam do Renascimento: o Naturalismo.

Ao mesmo tempo que se processava essa deformação da finalidade da medicina, seu objeto sofria um empobrecimento semelhante. Da representação “homem doente”, unidade antropologica qualitativamente individual, passou a medicina á representação do “corpo doente” como seu objeto. Essa transposição encontrou suas justificativas na mesma orientação filosofica — o Naturalismo — que despoitou no Renascimento para dominar durante quatro seculos a sistematização do conhecimento da Natureza e do Espirito.

Passemos a estuda-la em projecção historica.

Voltando a atenção para a historia, cumpre-nos sublinhar as relações estruturais entre a evolução da ciencia medica e a evolução da cultura humana. Quais sejam, segundo as épocas, as diretrizes filosoficas do pensamento ocidental, tais serão os fundamentos normativos da medicina. Essa evolução, que estudaremos a seguir, não se poderia compreender si aceitassemos o corpo humano como objeto da medicina, tal como exige a orientação naturalista desta ciencia. Qual a razão dessas variações concomitantes entre a Cultura humana e uma esfera de conhecimento que teria por objeto apenas um aspéto da Natureza? Porque a transformação dos principios sobre que assenta a ciencia medica consoante as variações epocais da cultura, si a medicina se propõe apenas a investigação, prevenção e cura das doenças do corpo humano, independente, por definição, das relações de valor? Sentimos aqui despoitar um problema mais profundo e mais amplo do que poderia conter o conceito de doença. Esse problema, é o do “homem doente”. Si a medicina se propõe por objeto o “homem doente”, é compreensivel que todas as transformações da Cultura que modificam a imagem que o homem faz de si mesmo, tenham repercussão sobre os principios dessa ciencia. Estudaremos a evolução dos fundamentos da medicina, do Renascimento ao nosso seculo, como um aspéto da evolução, mais ampla, da Cultura.

A civilização da Idade Media ocidental, esereve de Wulf em sua erudita “Historia da Filosofia Medieval”, está impregnada de espirito religioso; uma atmosfera religiosa envolve todas manifestações da vida

familiar, social, politica, artistica e cientifica. Tudo que as raças novas recebem do passado, tudo que seu temperamento natural produz é fecundado pelo cristianismo" . . .

A imagem do homem, nesse periodo, é a imagem cristã do homem interpretada através da filosofia do Stagirita. O homem é considerado unitariamente, como individuo, a alma sendo o principio informativo do corpo. A atmosfera religiosa orientou, entretanto, a meditação predominantemente no sentido da vida interior e da interpretação dessa vida consoante os valores morais e religiosos. Dada essa particularização, a medicina medieval é pobre, vive sob a autoridade da tradição. Embora isso, a imagem do homem sobre que assenta o conhecimento medico medieval, é a mesma que aceitamos hoje no periodo atual de renovação das ciencias que estudam o homem. O caracter unitario da concepção do homem como individuo em que espirito e corpò formam uma substancia composta desaparece da historia da medicina ao alvorecer do seculo XVI para reaparecer, revigorado, no pensamento do nosso seculo. Foi graças a esse criterio unitario que a Idade Media, compreendeu e ensinou, embora imprecisamente, a participação causal da consciencia pecadora na genese dos disturbios ornicos e psicicos, estudos que atualmente, passados quatro seculos de critica mordaz e esquecimento, foram retomados pelos que procuram assentar a medicina sobre principios novos: FREUD, JANET, ADLER, SCHWARZ e, principalmente, STEKEL, entre outros.

A critica da concepção predominantemente religiosa da cultura medieval, aproximou a filosofia do Renascimento da Natureza. A pouco e pouco, rompe-se com a hierarquia das ciencias em cujo cimo se colocara a Teologia. As viagens alargam os horisontes terrestres; as lentes devassam as esferas fechadas que envolviam a Terra. Voltados para o mundo exterior, os sentidos satisfazem-se livremente na objetividade corporea da natureza. Pseudo-valores vitais vão substituir os valores do espirito. E o homem, a quem o Cristianismo ensinara um gesto de humildade ante a imperfeição de sua vida interior, procura agora ser apenas homem no transbordamento das energias vitais, na satisfação integral das tendencias instintivas, dos desejos e dos ideais novos, senhor de si e da natureza, libertado de Deus. O humanismo transpõe o homem da categoria de creatura de Deus para a categoria de fragmento da Natureza. É essa transposição renacentista que nós veremos definir-se, sempre mais nitidamente, durante quatro seculos criando o Naturalismo do seculo XVI, o Empirismo e o Mecanicismo do seculo XVII, o Iluminismo materialista do seculo XVIII e o Positivismo do XIX.

A attitude naturalista do seculo XVI, conduz o genio inventivo do Renascimento á elaboração das ciencias que permitirão ao homem a posse da natureza. Kepler, Galileo e, mais tarde, Newton lançam os fundamentos da nova ciencia natural sobre bases fisico-matematicas. Bacon completa a orientação nova considerando a utilidade como fim do conhecimento. De então, o ideal do conhecimento se faz cada vez mais no sentido de reduzir a totalidade do real á natureza e de interpreta-la segundo os metodos fundamentais das ciencias fisico-matematicas. A ciencia medica, nesse periodo investe desordenadamente em

direção a todos os caminhos que se lhe abrem. E só mais tarde, no século XVII, quando despontam as primeiras tentativas de sistematização filosófica do conhecimento natural, é que a medicina recebe uma orientação filosófica definida que lhe trará os contornos de ciência natural e precisará a imagem de seu objeto e sua finalidade.

Entre as tentativas de sistematização filosófica, nesse século, o sistema de Descartes se nos apresenta como a mais grandiosa e a que mais influuiu sobre a evolução das ciências nos séculos que se seguiram.

No estudo do homem, Descartes professa um dualismo substancial: ele opõe radicalmente a uma substância extensa, o corpo uma substância pensante, a alma. O corpo humano é considerado como um fragmento da Natureza; a Natureza é a totalidade do mundo material. A representação científica do mundo material exige a transposição da qualidade para o mundo subjetivo. A qualidade é uma ilusão dos nossos sentidos e não pertence à Natureza. Nesta, só encontramos extensão e movimento. Os princípios sobre que assenta a explicação da Natureza são os das ciências físico-matemáticas conforme as indicações de Kepler e Galileo: é a explicação mecanicista — base do conhecimento natural. O corpo humano, como fragmento da Natureza, está sujeito aos mesmos princípios e leis. Transpõe assim, Descartes, para a vida orgânica os princípios de sua teoria mecânica do mundo, considerando o corpo humano como uma máquina composta de partes materiais que trabalham independente de qualquer intervenção animica.

A concepção mecânica da vida favoreceu a extensão do materialismo à totalidade do homem. No século XVIII, inicia-se a redução da atividade mental à atividade orgânica. A doutrina materialista, ampliando a concepção mecânica da vida, não poderia permitir que lhe escapassem a explicação as manifestações da vida espiritual do homem. Esse foi o grande trabalho do século XVIII: negar a existência da substância pensante de Descartes para fazer do pensamento um produto da atividade orgânica do cérebro. O sensualismo de Condillae, que levou ao limite extremo o empirismo professado por Locke no século anterior; a solução materialista que Cabanis deu ao problema das relações entre o físico e o moral; a concepção do “homem máquina” de De la Mettrie, transposição ao gênero humano da doutrina cartesiana do “animal máquina” são exemplos colhidos entre muitos, para documentar a orientação materialista do conhecimento nesse século. Cumpre acentuar que aos médicos coube um papel de relevo nessa transposição e que os dois últimos autores citados eram médicos, para avaliar-se bem a impregnação da medicina por esta teoria. A tendência materialista transbordou entretanto dos limites da literatura filosófica sobre o mundo, penetrando todos os sectores do pensamento e da ação humana como o demonstram o movimento Iluminista de que surgiu a grande Enciclopedia apresentada por d'Alembert e os gremios de livre-pensadores, dogmáticos do materialismo como o barão d'Holbach. Atingiu assim o século XVIII uma imagem unitária do homem através a mutilação imposta pelo unilateralismo da filosofia materialista.

Ao alvorecer do século XIX, a reação romantica e idealista da filosofia alemã critica o materialismo e mostra, em seu aspecto de reação idealista, que a negação do espirito humano não era tão facil como se

representara a simplista filosofia do século XVIII. De então, poderemos dizer, a orientação materialista sofreu, sob o ponto de vista da especulação filosófica, o seu golpe mortal. A impossibilidade, após essa reação idealista, de negar o espírito no homem era a negação do materialismo como teoria do conhecimento. E o aparecimento, em meio ao século XIX, de obras de orientação materialista como as de Büchner, Vogt etc. não foi mais do que a vulgarização daquelas teorias mortas.

Enquanto se rompiam os quadros da filosofia materialista, e ante a crise da filosofia ecletica da França, o progresso tecnico das ciencias da natureza, particularmente notavel desde o início do século, levava os investigadores especializados a proclamar uma inversão de valores colocando á base da filosofia o conhecimento conquistado através das ciencias da natureza. O Positivismo de Augusto Comte reflete essa orientação. Resurge o naturalismo espurgado dos excessos materialistas do século anterior. O homem se integra a Natureza como a ultima transformação da vida organica sobre a terra. Nesse monismo naturalista, as ciencias fisicas cedem o passo ás ciencias biologicas.

A obra de Büchner — *Força e Matéria* — o livro mais lido na primeira metade do século XIX, foi substituído, nos diz Messer, pelos “Enigmas do Universo” de Haeckel. O problema das relações psio-fisicas se resolve em uma dualidade de processos que seguem linhas paralelas. Esse paralelismo mal esconde, entretanto, a tendencia expansionista dos “energetismos” e dos “fisiologismos” que procuravam assentar os processos essenciais á atividade bio-psico-espiritual do homem nas reações funcionais das células agrupadas em tecidos e órgãos. A consciencia passa a ser considerada uma fosforecencia que, si reforça a apreensão dos processos psiquicos, não participa de sua causalidade. “É preciso não esquecer, escreve Ribot, um dos mais autorizados representantes da psicologia no século XIX, em seu livro sobre as “Doenças da memoria”, que o estado de consciencia é um facto complexo que supõe um estado particular do sistema nervoso; que esta ação nervosa não é um acessorio mas uma parte integrante do facto; que ele (o processo nervoso) está á sua base, é a condição fundamental; que desde o momento em que se produz, o facto existe nele mesmo; que desde que a consciencia se lhe acrescenta, o facto existe por ele mesmo; que a consciencia o completa, o aperfeiçoa, mas não o constitui”. O mesmo unilateralismo deformante subsiste transposto apenas das ciencias fisico-matematicas que postulavam a materialidade do real, para as ciencias biologicas que postulam a universalidade da matéria organizada como a forma mais elevada da existencia. Em uma como em outra concepção, não ha lugar para a atividade espiritual do homem. Si a matéria é substituída pela *energia*, como ensinou Ostwald, essa energia não é senão matéria em movimento, transladada para a linguagem fenomenista. O transformismo de Lamarck e Darwin completa, no plano historico, a tentativa de integração do homem á Natureza recompondo uma fantastica arvore genealogica para o mais recente broto das especies animais transformadas: o animal humano. Como ensinara Descartes, a qualidade é uma ilusão dependente do nosso mundo subjetivo. Na Natureza, ha apenas variações quan-

titativas que expressam os graus de complexidade em que se manifesta a vida. A vida é o élo que reúne o homem aos outros seres animados em solidariedade atual e histórica. O homem, para ser homem, transpõe as barreiras históricas do tempo em ascensão na escala animal e essa transposição deixou-lhe marcas indeleveis em sua evolução ontogenética. Completando essa imagem naturalista do homem, Haeckel procura enfeixar em uma lei a doutrina transformista na explicação do homem e lança ao ar a sua famosa lei Biogenética, tão despida de fundamentos experimentais, que se nos afigura uma pandorga científica amparada apenas pelas correntes favoráveis da opinião transformista . . .

O século XIX está a findar. O homem, fatigado dos horisontes estreitos da Filosofia Positiva, aspira á evasão. Já não lhe bastam nem a sua imagem naturalista herdada do Renascimento, nem a vitória de sua técnica sobre as realidades objetivas.

E o século XX se anuncia pela marcha do homem em direção ao Espirito.

Nessa longa evolução de quatro séculos, a medicina apresenta tres periodos bem definidos: o primeiro, é o periodo da Patologia Organícista ou Solidismo, cujos fundamentos repousam na filosofia materialista. Compreende os séculos XVI, XVII e XVIII. O segundo periodo corresponde ao movimento naturalista do século XIX, século em que a medicina se organizou definitivamente ao modo das ciencias da natureza. O terceiro periodo se inicia apenas: é o periodo da medicina Personalística ou Antropológica, que se filia ao movimento de renovação atual da imagem do homem: á "Antropologia filosofica" no sentido tomista ou kantiano do vocabulo.

A imagem materialista do homem durante os séculos XVI, XVII e XVIII, principalmente ao curso desses dois ultimos, orientou a medicina no sentido de uma patologia organícista, fragmentaria portanto. Si o homem é considerado como uma maquina construida pela agrupação material dos órgãos, é natural a tentativa de explicar as variações morbidas que ele apresenta, ora pelo disturbio de um fragmento dessa maquina ora pelo de outro. Igualmente, as causas desencadeantes das doenças devem ser corporeas, materiais como a totalidade da Natureza. Em verdade, é o que nos apresenta a historia da medicina nesse periodo. Exeptuado o século XVI, século em que como dissemos, a investigação medica investe mais ou menos desordenadamente, levada apenas pela ideia de espancar as sombras misteriosas que povoavam a natureza na concepção medieval, os séculos XVII e XVIII nos apresentam teorias bem caraterísticas.

No século XVII, dada a imagem materialista do homem, acreditaram os investigadores poderem resolver o problema das variações morbidas do homem pela aplicação dos principios, leis e tecnicas da fisica e da quimica. Si a Natureza é uma só em sua constituição material e si os seres, incluído o homem ou, melhor, o corpo humano, differem apenas quantitativamente (já que a qualidade é uma ilusão como ensinara Descartes) porque não explicar as manifestações das doenças e orientar o tratamento pela aplicação da fisica e da quimica? Essa interrogação justa, deu origem ás concepções da *Yatrofisica* e

RHEUMATISMO ?

Rheumalina !



Formula da Rheumalina :
Cada colher de sopa contem :

Salicilato de sodio purissimo (recristalizado em pequenas agulhas) ...	1,00
Iodureto de potassio puro	0,25
Extrato estabilizado de Equinodorus macropilus (chapeu de couro) ...	q. s.
Idem Polipodium lipiopteris (samambaia)	q. s.
Tint. de genciana	q. s.
Glicerina neutra	3. c. c.
Xarope de cascas de laranjas amargas	q. s.

Fornecemos amostras quando solicitadas aos senhores clinicos

LABORATORIO DA RHEUMALINA

R. das Palmeiras, 12 — Tel. 5-2667 — São Paulo

O Laboratorio Doria - Campinas, Est. de S. Paulo

Recomenda a prescrição para Ulceras não especificas,
— Eczemas, — Rachaduras, (dos seios) Assaduras, (crianças)
— e em todas as manifestações cutaneas da Diatese exsudativa,

a "Pomada Dermatisan Doria"

o mais moderno dos produtos para os casos a que se destina.

Formula: — Oleo de Chaulmoogra, Lanolina, Vaselina,
Ox. Zinco e tinturas vegetaes.

Instituto de Radiologia Clinica

Porto Alegre

Braça Senador Florencio, 21 - Edificio Wilson - 1.º andar

Telefone 5424

Dr. Pedro Maciel

Dr. Norberto Bêgas

Radiodiagnostico

Eletrocardiografia

Raios Ultra-Violetas

Eletroterapia de Ondas Curtas
e Ultra-Curtas

da *Yatroquímica*. Giorgio Baglivi, o mais notável dos Yatrofísicos, escreve Diepgen em sua excelente *Historia da Medicina*, comparava o corpo a uma máquina, o torax a um folis, os intestinos e as glandulas a filtros ou peneiras etc. . . . Atribuía os phenomenos morbidos a uma diminuição ou a um aumento do tonus das fibras, ás partes solidas do organismo portanto". O verdadeiro fundador e o mais illustre representante da Yatroquímica, Sylvius distinguia no dominio da patologia "alem das deformidades e dos transtornos mecanicos rudimentares, escreve ainda Diepgen, dois grupos de doenças conforme pertencessem ás *Acrimonias* acidas ou alcalinas. Sob esse nome de *Acrimonias* compreendia a penetração no sangue de uma substancia perniciosa em consequencia de um quimismo anormal". Vemos através desses representantes eminentes da medicina no seculo XVII, a tentativa de explicar a totalidade morbida por um fragmento desse todo; a orientação materialista que leva a considerar as causas das doenças e os processos morbidos materialmente através da representação de corpos solidos em movimento; a limitação do objeto da medicina ao corpo humano.

No seculo XVIII, decresce a investigação anatomo-fisiologica em beneficio das tentativas de synthese. Como o mais notável representante merece citação: Hermann Boerhaave que, em sistema ecletico, utiliza as explicações, já citadas, de Baglivi; explica as inflamações e a febre como transtornos mecanicos e outros disturbios ainda segundo os principios da Yatroquímica ou como discrasias dos humores. Poderíamos acrescentar ainda as teorias de Frederico Hoffmann, Gaub e outros. Mais aproximados á especulação filosofica sobre os problemas da medicina, Cabanis e De la Mettrie, já citados, bastam para fechar o ciclo dessa medicina analitica, organicista e materialista que explica o todo pela parte como si o homem fosse redutivel á um corpo e o corpo humano nada mais fosse do que um agregado de fragmentos materiais sujeitos aos principios e leis das ciencias fisico-quimicas. A maneira de nota, e como ressalva a uma objeção critica possivel, merece mencionar-se que a orientação contraria a essa medicina materialista, representada pelo vitalismo de Stahl é uma attitude particular influenciada pela filosofia de Leibnitz, mas que não se harmonisa com as correntes predominantes no pensamento filosofico do seculo XVIII.

No seculo XIX, a medicina recebeu os ultimos retoques como ciencia natural. Os excessos da Filosofia da Natureza do Romantismo alemão, tivera como resultado chamar a atenção dos investigadores para a animação da Natureza. Já não se poderia voltar a uma concepção da Natureza fundada em principios de um materialismo estrito. De outro lado, o empirismo phenomenista professado pela escola inglesa e pelo Positivismo de Augusto Comte e a elaboração da Biologia permitiram maior elasticidade ás ciencias que estudam o homem. A medicina reflète, nesse periodo, essa orientação: a explicação mecanica se reduz a alguns aspéctos do corpo humano; a fisica e a química submetem-se á synthese fisiologica. A teoria celular de Schleiden, Schwann e Virchow considerando a célula sob o duplo ponto de vista anatomico e fisiologico como a pedra angular do organismo e seu ultimo elemento funcional; os trabalhos geniais de Pasteur em sua teoria da participação de mi-

croorganismos na genese das doenças; os trabalhos de Magendie, Purkinje, Müller e todos os grandes fisiologistas; a colaboração de Claude Bernard á fisiologia e á critica dos fundamentos da ciencia medica delineando-lhe os contornos de ciencia natural são alguns exemplos que documentam a direção biologica no seculo XIX. Embora esse progresso brilhante provocado pela transposição da imagem do homem da Natureza material para o plano da vida, a medicina se manteve fiel ao dualismo cartesiano. Porque a investigação filosofica não atingisse, nesse seculo, uma concepção unitaria do homem, a medicina não se preocupou igualmente com essa representação. A época é de investigações fragmentarias. Cada novo aspéto que a medicina revelava ao investigador, creava uma especialidade nova circumscrevendo o trabalho de um novo grupo de sabios. A fé no conhecimento científico, que o Positivismo habituara a considerar como o unico verdadeiro, compensava para esses pesquisadores o limitado de seus campos de investigação. O conhecimento baseado no metodo analitico e orientado pelo ideal da descoberta de processos elementares, provocou tal superprodução de trabalhos fragmentarios que se ignoravam mutuamente que, em visão genial, Augusto Comte divisou a necessidade de mais uma casta de sabios, dedicada esta á síntese filosofica dos resultados mais gerais de todas as ciencias. É natural que essa orientação fosse particularmente desfavoravel a uma imagem unitaria do homem. Na medicina, mantem-se a substituição do "homem doente" pela representação do "corpo doente" e da "cura do doente" como sua finalidade pela "cura da doença". Baseado na teoria celular que constróe o organismo por um processo adicional de elementos, amparado no metodo analitico, esqueceu, o medico, o individuo humano para não ver senão o corpo doente e, nesse, os esquemas conceptuais da nosografia medica. Prova esse fato, a impossibilidade de incluir, como mostrei em trabalho anterior, os disturbios do espirito no ambito da medicina naturalista. A medicina construida como ciencia da Natureza procura explicar os disturbios do espirito reduzindo-os á causalidade anatomo-fisiologica. Dissolve-se assim, visivelmente, a unidade complexa do individuo em que colaboram manifestações biopsico-espirituais no unilateralismo de uma concepção anatomo-fisiologica que se dirige exclusivamente ao corpo humano.

Contra essa orientação da medicina, surgiu, ha pouco, uma doutrina que pretende combater os excessos do metodo analitico na investigação medica; mostrar o artificial das sínteses obtidas pela agregação de elementos que são apenas pseudo-elementos; o aspéto de totalidade dos processos vitais e a participação da totalidade vital aos disturbios aparentemente localizados; acentuar a preeminência da patologia humoral sobre a patologia celular. Além disso, essa doutrina procura, combatendo a tendencia á quantificação da realidade, herdada das ciencias fiisco-matematicas, restabelecer a prioridade e objetividade do aspéto qualitativo do real. Para tanto, reduz a generalidade dos conceitos como o de "doença" á individualisação qualitativa de outros conceitos como o de "individuo doente". É a doutrina Constitucionalista das escolas italiana e alemã modernas, de Viola, Pende, Barbara, Bauer, Kretschmer e outros. O individuo é

considerado como um organismo que, ao invés de construir-se, como na teoria celular, pela agregação de elementos celulares, preexiste como totalidade. Já no ovo existe a totalidade sob a forma de um "plano", de uma "prospecção" que condiciona a diferenciação celular e orgânica do indivíduo. Após a fecundação, o ovo desenvolve dessa totalidade primordial toda a série de manifestações morfológicas e funcionais do organismo que constitui a esfera dos *Fenótipos*, isto é, dos caracteres aparentes do indivíduo. A organização potencial representada pelo plano que condiciona a ontogenia denomina-se *genotípica*. O potencial genotípico existe nas próprias manifestações fenotípicas como uma possibilidade de recrear a mesma forma que o fenotipo representa. Daí é que vem esta submissão das partes do organismo fenotipicamente realizadas ao todo genotipicamente potencial. Cada elemento celular, cada função, cada órgão, cada glândula, cada correlação funcional, cada aparelho ou sistema, cada fragmento do organismo, enfim, está sujeito ao plano que lhe deu origem. Esse plano é estritamente individual, embora se processe sobre a estrutura básica da espécie. É condição fundamental da doutrina constitucionalista, a separação hierárquica dos processos decorrentes desse plano, dos processos que se realizam através da diferenciação fenotípica do organismo. Quando falamos em totalidade na teoria constitucionalista, nos referimos à totalidade que esse plano, essa prospecção contém e se atualiza no indivíduo sob um aspecto qualitativamente irreduzível às suas manifestações fenotípicas. Por isso é que não pode haver, na teoria constitucionalista, que considere o organismo como uma multiplicidade na unidade, causalidade de um de seus fragmentos sem a participação do todo. Cada função fenotípica, perturbada ou não, só age na medida em que lhe permite a totalidade orgânica da qual é uma manifestação parcial e secundária em relação às funções gerais do plano individual. Em face dos agentes exteriores que atinjam um fragmento do organismo, a reação desse fragmento se dará também, necessariamente, dentro dos limites que lhe impõe a totalidade orgânica. Daí o grande princípio normativo da patologia constitucional: a substituição das *formas reacionais* variáveis consoante a *especificidade* do excitante e do órgão atingido pelas *normas reacionais* provenientes do plano, da prospecção individual em seu aspecto de totalidade orgânica. As formas reacionais decorrentes de especificidade dos agentes ou dos órgãos só podem variar dentro dos limites traçados pelas *normas reacionais*.

Após essas considerações diretamente influenciadas pelo pensamento de Bauer, cumpre-nos sublinhar que em sua *essência* a doutrina constitucionalista se identifica com o movimento néo-vitalista contemporâneo. Daí o absurdo das considerações a que chegam aqueles que, sem investigar o espírito dessa doutrina, procuram transpor as suas categorias para uma medicina fundamentada em princípios físico-químicos e energéticos. É o que se observa na tentativa de reduzir a patologia constitucional a processos neuro-endócrinos. Em verdade, o sistema neuro-endócrino é uma das manifestações fenotípicas em que se realiza o plano de organização individual. Por isso mesmo, por ser uma manifestação fenotípica, não podemos considera-lo como uma

estrutura que funcione independente da totalidade organica: as suas variações se processam nos limites que lhe impõe o plano de organização individual. Fragmento de um sistema, só pode variar sob a influencia que advem de sua posição no sistema. Limitar portanto, á causalidade neuro-endocrina os distúrbios do procedimento individual, seja o da creança ou o do adulto, o do neurotico ou o do criminoso, nos aparece, na doutrina constitucionalista, como uma absurda inversão de categorias e uma incompreensão do sentido totalitario dessa patologia. Seria voltar a épocas anteriores e explicar, á maneira cartesiana, o todo pela parte; fazer depender a qualidade irreductivel do plano de organização individual genotípico, das transformações fenotípicas da energia vital neuro-endocrina. Em verdade, os processos neuro-endocrinos colaboram na genese do procedimento individual, como colaboram outros processos, sempre dentro dos limites traçados pela totalidade individual.

Vimos portanto, o que se nos afigura bem grave, que a tendencia absolutista da causalidade neuro-endocrina, dentro da teoria constitucionalista, deforma a essência dessa doutrina. A noção de Constituição foi trazida á luz para sustener os excessos perniciosos da explicação analitica e da quantificação mecanicista da vida organica. A sua categoria fundamental é a de *totalidade*, contraria a da medicina materialista que é a de *elemento*. Uma implica a existencia primordial do organismo, enquanto organismo isto é, irreductivel como sistema qualitativamente unitario, á simples aproximação espacial de seus pseudo-elementos componentes. A outra, ao contrario, ensina que o organismo se constroe, á maneira dos corpos inanimados, pela agrupação de elementos que diferem do Todo apenas quantitativamente. Vemos portanto que a tendencia a reduzir a constituição individual a uma função do sistema neuro-endocrino vem mutilar a categoria de totalidade. Restabelece-se assim a orientação organicista que essa doutrina procura combater.

As dificuldades para uma bôa interpretação do espirito da doutrina constitucionalista, repousam no fato de tentarem compreende-la partindo da opposição cartesiana entre espirito e corpo. Mas a noção de constituição não se dirige nem a um nem a outro. Para bem interpreta-la, devemos considerar que ela se propõe no plano biologico, se dirige á esfera vital do homem. Como mostraram Scheler, Stern, Spranger, Schwarz entre outros autores modernos, a diferenciação antropológica do individuo não se superpõe á opposição dualista do cartesianismo. No homem a ciencia atual considera uma distribuição hierarquica em tres planos: *Vida — Psiquismo — Espirito*. O problema psico-fisico em torno do qual giraram durante quatro seculos as ciencias da Natureza e do Espirito foi substituido, em nossa época, pelo problema Antropológico. Ao envez de opôr o corpo ao espirito, a concepção antropológica opõe ao espirito, a vida. A doutrina constitucionalista visa abranger a esfera da vida em uma teoria que traga a relevo o aspéto *organico* totalitario da vida bio-psiquica do homem. Proposta como fundamento da medicina, essa doutrina vem ao encontro da orientação moderna no combate ao materialismo da fase organicista da ciencia medica. O objeto que ela delimita en-

tretanto é ainda fragmentario. Não basta á medicina o estudo dos disturbios da esfera bio-psiquica, como si o individuo se exgotasse no ambito dessa esfera. Acima dessa estrutura e influenciando-a diretamente, ha, no individuo humano, a estrutura Antropologica da Pessoa. A doutrina constitucionalista si expressa a categoria de Totalidade que caracteriza a vida, deixa á margem de seu sistema a categoria de Unidade Antropologica. No individuo humano, a esfera bio-psiquica representa um aspéto da realidade submetido á unidade antropologica. Essa é a imagem nova do homem. A unidade antropologica existe para além do falso dualismo substancial, legado de Descartes á filosofia moderna. O homem não se divide em psique e soma. O individuo humano preexiste, como unidade, ao problema psico-fisico. A nossa época sentiu tão profundamente essa exigencia de unidade na imagem do homem que não tardaram a surgir as tentativas de superação do dualismo substancial. Bertrand Russel apela para uma substancia neutra que resolveria a opposição corpo-espirito. W. Stern em sua profunda concepção personalistica do homem, propõe a Pessoa realidade primordial, neutra sob o ponto de vista psico-fisico. Nessa realidade primordial, totalitaria e unitaria, é que a analise vem distinguir, sempre artificialmente, uma face corporal e uma face espiritual. Max Scheler, Spranger, Schwarz, Heinemann entre outros, dissolvem igualmente o problema psico-fisico na unidade antropologica, unidade primordial do individuo que contem em si uma multiplicidade de instancias hierarquicamente condicionadas da vida vegetativa á Pessoa. Rickert completa, sob o ponto de vista epistemologico, essa orientação de uma antropologia filosofica, substituindo a divisão classica do conhecimento em ciencias da Natureza e ciencias do Espirito pela divisão do conhecimento em ciencias da Natureza e ciencias da Cultura. Justifica-se essa divisão na imagem nova do homem que nos apresenta uma face natural: a vida bio-psiquica e uma face cultural: a objetivação axiologica da Pessoa. As esferas da vida e do psiquismo são comuns ao homem e aos animais: é a esfera através da qual o homem participa da Natureza. A esfera cultural distingue a especie humana das especies animais de uma maneira irreduível. É a face do individuo humano que adere ao dominio objetivo dos valores cuja existencia, independente do individuo, se renova constantemente nele. A validade objetiva dos valores, que fundamenta a atividade do espirito humano, é um ensinamento da Filosofia Tomista aceito por todos aqueles que trabalham sob os principios da Antropologia Filosofica. A participação desses valores na genese do procedimento individual e da estrutura caracterologica, assim como nas variações da esfera bio-psiquica, se faz mais acentuada na medida em que evolve o homem da infancia á idade adulta. Não só o homem, mas muitos animais, como as abelhas e os castores, por exemplo, constroem abrigos. Nenhum animal entretanto chegou a variar a estrutura desses abrigos, independente das exigencias vitais da realidade imediata, conduzido apenas pelo sentimento de beleza. Essa é a marca do Espirito. São os valores esteticos, eticos, religiosos, sociais, teoricos e economicos o campo em que se move a Pessoa humana. Si o homem é, por uma face, um ser natural passivel de ser estudado pelas ciencias da natureza, a Fisico-Química, a Biologia e

a Psicologia é também um ser espiritual, cidadão do mundo, creador de valores. Nessa lição harmonisam-se Kant e Thomas de Aquino. Essas duas faces só artificialmente poderão ser dissociadas da unidade antropológica que vai da vida vegetativa á vida espiritual através da vida animal. A Pessoa contem em sua estrutura esse triplice aspéto unitariamente. Como a síntese mais elevada na hierarquia funcional do individuo, ela compreende todas as outras sínteses inferiores, do psiquismo e da vida, cuja existência só se realiza integralmente no individuo humano, quando as consideramos em função dessa síntese mais alta que é a Pessoa. Tal é a categoria que distingue o homem dos animais, cuja categoria mais elevada é a de *organismo*.

Essa imagem nova do homem acordou na medicina a exigência de renovação integral de seus fundamentos. A totalidade e unidade antropológicas passando ao primeiro plano da investigação medica, restabelece, como objeto da medicina, a imagem do "homem doente" em substituição definitiva á imagem do "corpo doente". Ao mesmo tempo, a individualização imposta pelo aspéto qualitativo da imagem antropológica, limita os excessos da generalisação, á maneira das ciencias da natureza, na ordenação da patologia: o doente volta a substituir de fáto a doença como fim da medicina. Os estudos modernos sobre a psicogenese dos sintomas corporais iniciados por Freud, Janet, Adler, Schwarz, Steckel, Jung etc. são ainda frutos dessa transformação da imagem do homem. Igualmente, a ampliação do interesse em materia de anamnese, que transpóz as investigações da historia da molestia e dos fatos que se lhe relacionam diretamente para a historia do individuo. Em qualquer das especialidades já não basta ao medico inquirir o doente relativamente á sua molestia; faz-se necessario o estudo da *biografia do paciente*. A maneira como o individuo vive os disturbios que apresenta e a historia de sua vida, que não têm aparentemente relação com esses disturbios podem aparecer, a uma investigação mais profunda, como os fatores desencadeantes da doença. A participação causal da má conciencia ou, melhor, da conciencia pecadora, consoante os estudos de Stekel, é a illustração mais brilhante dessa medicina nova que tem por objetivo uma imagem antropológica do homem. Tais investigações não seriam possiveis em uma medicina naturalista ou materialista que dissolve a individualidade do doente na generalidade da doença.

A medicina atual orientada para a imagem antropológica do homem em que divisamos uma substancia composta, restabelece o objeto e a finalidade que encontrámos á origem da ação curativa denominada medicina e que haviam sido deturpados pela orientação naturalista da filosofia moderna. Si a medicina estuda o homem em suas variações morbidas e si o homem, enquanto Pessoa, resiste a qualquer tentativa de redução á Natureza, bem se compreende que a medicina não poderá ser considerada apenas como uma ciencia natural. Em seus fundamentos se faz indispensavel o conhecimento das ciencias da Natureza e da Cultura para que possamos explicar e compreender as variações morbidas do homem, essa unidade bio-psico-espiritual.